

Curioso Clã

No panorama actual da música, das artes populares, da vida em geral, o tempo conta-se ao segundo. As expectativas de cada novo disco, de cada nova carreira, são avaliadas e julgadas a prazo. Com cada vez menos tolerância de quem edita e investe para esperar por resultados. Porém o tempo e a paciência por vezes dão razão a quem contraria a ordem instituída e decide confiar... e esperar. Os Clã são uma entre as maiores provas que a actual música portuguesa nos mostra de uma carreira hoje firme e sólida, todavia nascida frágil e discreta há pouco mais de 13 anos. E sem resultados imediatos. Quatro álbuns de originais reconhecidos pelo público e crítica, um disco gravado em colaboração com Sérgio Godinho, um duplo CD ao vivo e um DVD igualmente registado em palco são documentos concretos de uma carreira hoje segura que promete mais e ainda melhor. «O nosso crescimento foi natural», reconhece Hélder Gonçalves, o compositor da banda. «No início tínhamos a vontade de ter sucesso. Não aquele sucesso comercial, mas, depois de estar em gestação desde 1992, em 1995, quando estávamos a trabalhar o primeiro disco eram já passados três anos... Quando o terminámos tivemos logo um primeiro choque... Estávamos mortinhos para o editar e a editora disse que não tinha espaço editorial para o lançar, e o disco acabou por sair só em 1996. Foi quase meio ano à espera, e isso foi um golpe duro. Mas se calhar foi importante para ficarmos logo com uma noção do que era o mercado». O álbum, *Lusoqualquercoisa*, lá saiu, mas não vendeu muito. Na verdade,

os Clã, honestamente, nem contavam com grandes números. Mas esperavam que, discos nas mãos, chegassem então os concertos. «E não tivemos quase nenhuns!», graceja o músico. «Até sair o *Kazoo* foi uma desgraça. Fizemos muito poucos concertos... E com uma desvantagem. Como são poucos esses concertos transformam-se numa pressão muito grande. E aí temos de provar tudo... Só quando começámos a fazer muitos é que vimos que a coisa não tinha necessariamente de ser assim, que não tínhamos de ter esse tipo de pressão», reconhece.

Manuela Azevedo sublinha também a importância deste crescimento gradual, que fez dos Clã o grupo firme, profissional e reconhecido que hoje aceitamos entre a linha da frente da grande família *pop/rock* portuguesa: «Há coisas boas nesse tipo de crescimento lento, progressivo. Uma delas é o facto de termos tempo para aprender e digerir o que acontece em cada etapa. E se tivéssemos de responder a um sucesso rápido teríamos de ter engendrado soluções para arranjar mais público, e de uma maneira menos sólida. E o facto de não sermos famosos nem bem sucedidos logo à partida dá-nos também uma certa liberdade para fazermos o que quisermos. E essa liberdade é preciosíssima. Nós, por termos crescido devagarinho, sem ter de responder a vendas de discos, conquistámos qualquer coisa importante. E quando tivemos um certo sucesso, mesmo subliminar, com o *Lustro*, destruámos logo isso com um disco nada comercial. Com tudo isto conquistámos uma liberdade inabalável a nível criativo, podendo colaborar com quem quisermos e fazermos o que entendermos nos discos. E isso é uma coisa muito preciosa para quem gosta de fazer música e de arte em geral.»

Portugal, 1992. O tempo era de algum marasmo no cenário *pop/rock* editado e instituído, mas de alguma agitação nas caves dos acontecimentos, projectando naturalmente entre nós desejos de troca de experiências entre o *jazz*, a emergente cultura *hip hop* e os edifícios estruturais da canção e da *pop* que, por Inglaterra, revelavam interessantes carreiras junto de nomes como os de Galliano, Young Disciples ou Us 3, entre muitos mais. Em Lisboa e, mais ainda no Porto e suas periferias, estes encontros es-

preitavam frestas de atenção na rádio (a Rádio Nova e a XFM) e conquistavam músicos, muitos deles vindos de experiências no jazz. E com vontade de viver esta mesma experiência em português, um pouco como em inícios de 80 acontecera com a urgência de criação de uma nova geração *rock* entre nós. Entre os espíritos seduzidos por este desafio contava-se o até então instrumentista Hélder Gonçalves. «Quando surgimos havia um movimento curioso, que era o de fazer em português outro tipo de músicas, com referências que não eram necessariamente o jazz, mais o *acid jazz*, o *hip hop*. Era inevitável cantar em português, mas havia esse desafio de fazer outras coisas», face ao panorama que se retratava nos discos. Foi, recorda, «uma altura muito engraçada, com todos aqueles projectos que apareceram como o Pedro Abrunhosa, Black Out, Black Company, Da Weasel, Cool Hipnose... Muita gente a fazer músicas muito engraçadas em português».

No início, Hélder chamou a si a escrita das canções para os Clã, que davam os primeiros passos: «Fui eu quem escreveu as letras no primeiro disco, e já no final do processo senti que havia necessidade de aquilo ser melhor do que o que estava. E pedimos ajuda ao Carlos Tê, que conhecemos na altura». Foi Mário Barreiros, que com ele já tinha trabalhado, quem os apresentou, sob uma ideia inicial que nem era a de convidar o homem sobretudo conhecido como letrista de Rui Veloso a escrever para o disco que então nascia. «Era mais ter alguns conselhos dele, sobre o que devíamos fazer para escrever melhor e ficar mais perto do que nos apetecia como resultado final», recorda Manuela Azevedo. Mas em pouco tempo o trabalho com o veterano letrista avançou para a co-autoria e mesmo autoria completa em letras que fizeram parte do primeiro disco. «Não nos sentimos invadidos», sublinha a cantora. «A maneira como o Tê se relacionou connosco foi de uma cumplicidade quase imediata. Logo a partir do primeiro encontro ficou-se a perceber que, mais do que permitir que um estranho entrasse no trabalho era fazer com que o trabalho se fizesse bem. E se isso se fazia com uma letra do Tê, ou numa co-autoria do Tê com o Hélder, ou numa letra só do Hélder era um pormenor, não era nada mais importante. Era fun-

damental que a canção ficasse inteira e a letra a servisse da melhor forma. E como o Tê se entregou de uma forma muito cúmplice conosco, nunca o sentimos como estranho. Claro que houve letras que não couberam em canções, porque não nos cabiam na pele. Todas as letras que foram assumidas como nossas tinham de ter essa qualidade de poderem ser cantadas por nós, ser levadas ao palco por nós».

Algumas letras de co-autoria desse primeiro disco foram escritas sobre elementos que já existiam. Outras para canções que já existiam. E outras, como o *Novas Babilónias*, palavras que Carlos Tê já tinha escrito e às quais Hélder Gonçalves deu música. Essa foi, relata, «a única que tive na gaveta durante muito tempo. Tentava fazer uma música com aquilo e demorou muito... Uns meses mesmo. E já estávamos em estúdio quando a canção apareceu. Gostava muito da letra, mas até então não tinha descoberto uma maneira de fazer uma canção com aquilo, que tivesse a ver com o que estivéssemos a fazer na altura».

Não é regra, mas Hélder Gonçalves gosta de fazer as canções a partir da letra ou, como diz, «tendo já uma paixão por determinada letra... A responsabilidade fica toda sobre mim. Com as pessoas com quem temos trabalhado chegam-nos textos muito bons. E há sempre um primeiro impacte muito forte e uma responsabilidade de não querer estragar aquilo, uma letra tão boa! Temos mesmo de fazer uma canção que faça jus àquela letra... Mas por vezes uma letra nem sequer sugere uma música. Uma letra faz-nos pensar num determinado universo. Mas o que acontece regularmente é, depois de termos uma ideia sobre aquela letra e um determinado universo pensado, começarmos a trabalhar. E aí vamos parar a um sítio completamente diferente. Normalmente, artisticamente, pensamos primeiro no que é mais óbvio: esta letra sugere um ambiente... Mas quando começamos a trabalhá-la mais a sério, verificamos que pode haver outros caminhos por onde aquela letra pode viajar e que a pode tornar mais interessante. Sempre gostei muito desse processo de fugir a essa primeira ideia óbvia. O *Sangue Frio*, do *Lustro*, foi uma letra que o Tê escreveu para uma canção que eu já tinha. Quando experimentei, encaixava tudo bem metricamente, mas não me

parecia que a música ganhasse muito com aquela letra. E ficou de lado, não a usámos. Até um dia, em que estava a fazer aqueles acordes, a trauteá-la... Resolvi pegar nessa mesma letra só para ter uma base de trabalho. E quando a coloquei, apanhei uma surpresa... Não imaginava que poderia ficar bem neste tipo de melodia e de arranjos. Era uma letra que estava feita para uma música mais negra, em tons menores, mais *pop*. Ao juntá-la com esta harmonia, ficou uma coisa muito valiosa.»

Depois de terem trabalhado com Carlos Tê no primeiro álbum, ao pensar no segundo desejaram repetir a parceria, o que acabou por acontecer. «Queríamos fazer o mesmo que no primeiro disco, ou seja, ter umas letras minhas e umas do Tê», explica Hélder. «Mas esse segundo foi um disco no qual, em termos de composição, fizemos as coisas muito rapidamente. Como tivemos muito tempo parados sem fazer nada depois do *Lusoqualquer coisa*, começámos logo a compor. E poucos meses depois desse álbum já estava pensado o *Kazoo*, com muitas ideias. Eu compus muita música e escrevi muito pouco. Componho cinquenta vezes mais do que escrevo. E nessa altura o Tê estava muito perto de nós. Estávamos muitas vezes juntos. Ele começou a escrever algumas letras, com um conceito que fazia sentido nalgumas músicas que estávamos a começar a usar. E o *Kazoo* acabou assim por ser um disco só com letras do Tê... Mais tarde, para o *Lustro*, quisemo-nos afastar disso, alargar, aprender um pouco mais, experimentar com outras pessoas. E foi uma experiência que não sabíamos se ia acabar por ser uniforme, o que era importante porque somos uma banda e temos de defender as canções em palco. Era importante que as letras fizessem sentido para nós e até entre si». Sérgio Godinho foi então uma escolha natural, porque nessa altura tinham já colaborado no espectáculo *Afinidades*. «Éramos grandes admiradores dele», sublinha Hélder... Por essa altura apareceu também nas suas vidas a música de Arnaldo Antunes, cujo trabalho descobriram por intermédio de Carlos Tê. «Ele trouxe um disco do Arnaldo Antunes completamente alternativo, com músicas que tinha feito para uma exposição... Começámos a conhecê-lo, a descobrir depois as canções dos Titãs,